

# Microorganismo azul barra a luz

As algas azuis, cujo nome científico é *Microcystis aeruginosa*, são vegetais microscópicos de reprodução rápida e formam uma crosta sobre o lago, impedindo não só a sua oxigenação e iluminação, mas também aumentando a quantidade de fósforo e nitrogênio da água. A situação se agrava ainda mais durante o período de secas, que em Brasília se estende de maio a outubro. Nessa época do ano, as algas azuis se proliferam ainda com maior rapidez, incentivadas pela maior incidência de luz solar no Planalto Central e pela ausência de ventos.

A pior situação que o Lago Paranoá teve até hoje foi em 1978, quando o desequilíbrio ecológico chegou a ser tão grande que foi

considerado um verdadeiro desastre. Segundo o biólogo Fernando Starling, responsável pelo programa de despoluição, a população chegou a sentir cheiro de podridão no Braço do Riacho Fundo, parte do lago próxima à Asa Sul de Brasília. Na época, a Caesb tentou solucionar emergencialmente o problema oxigenando a água com aeradores, até o retorno às condições normais.

Desde então, os 13 pontos críticos do lago são monitorados semanalmente para a verificação do aumento da poluição. Uma equipe de quatro técnicos e biólogos da Caesb vasculha a área norte e a zona central do lago, próxima ao Palácio da Alvorada, além do Braço do Riacho Fundo.

Munidos de uma rede de plânctons, que consegue retirar da água qualquer substância com volume maior que 0,045 mililitros, os técnicos percorrem os 40 quilômetros quadrados do lago coletando amostras de água, que são analisadas em laboratório, onde é observado o ritmo de disseminação das algas.

De acordo com a coordenadora da equipe de técnicos, Cristine Cavalcante, quando detecta a proliferação excessiva das algas azuis a Caesb espalha sulfato de cobre na água. Segundo ela, o produto funciona como um herbicida, que destrói a camada de algas azuis permitindo que a parte infectada do lago volte a respirar e receber infiltração de raios solares.